

Meia Identidade

J. Roberto Whitaker Penteado

A revista dominical do Globo publicou, no último fim de semana, matéria de capa sob os títulos "Força Negra" (na capa) e "O Poder Negro" (no miolo) - aparentemente para cumprir uma pauta ligada ao "dia nacional da consciência negra", que se comemora no dia 20 de novembro, data em que Zumbi dos Palmares foi morto, em 1695, numa emboscada, na Serra Dois Irmãos, em Pernambuco, após liderar uma resistência que coincidiu com o início da destruição do quilombo.

A revista pediu a três ONGs "anti-racistas" (sic) que selecionassem as 50 pessoas negras mais influentes do Brasil. A lista é muito extensa para transcrever, mas inclui figuras óbvias como Pelé e Gilberto Gil e outras menos, como Mestre Marçalzinho, sambista e Elza Bérquo, demógrafa, passando por atores, professores, mães-de-santo, líderes comunitários, etc

As últimas aferições do IBGE mostram a população do Brasil como sendo composta por 53,3% de brancos, 40,5% de "pardos", 5,6% de negros e 0,6% de "amarelos/indígenas". Considerando que esses números somam 100%, é de se supor alguma simplificação por parte do jornal ou do Instituto, uma vez que, nos censos recentes, a descrição da raça ou cor da pele fica por conta do declarante. Isso não chega a falsear os resultados, mas sugere que possa haver - na numerosa categoria dos "pardos" - mais mestiços de indígenas do que os que se encontram naqueles modestos 0,6%. Também levanta dúvidas sobre quem se considera "branco", no Brasil. Uma boa parte dessa maioria de 53,3% terá - em maior ou menor proporção - uma contribuição genética desses povos não-brancos que estão na origem da população brasileira.

Essas considerações, faço-as, para expôr um sentimento que me vem incomodando, há tempos. É a respeito da desvalorização generalizada, na sociedade brasileira, por que passam as culturas não-européias, que se constituem no nosso principal formador genético. Meus estudos primário e secundário - feitos em meados do século passado - nunca abordaram nada, sobre culturas, que não fosse rigorosamente eurocêntrico. O Brasil começava quando aqui aportavam os portugueses - ou tentavam vir os franceses e holandeses. As centenas de civilizações aqui existentes eram todas englobadas na categoria "índios" e mereciam uma ou duas aulas, sempre centradas em exotismos e superstições. Os negros apareciam durante as aulas sobre a escravidão - coitadinhos - e admitiam-se algumas contribuições, na língua, na cozinha, na MPB.

Pois lamento minha ignorância sobre esses temas, ainda que temperadas por alguns esforços maduros para reduzi-la.

Nesses últimos 50 anos, quase nada mudou. Os estudos afro-brasileiros no ensino médio - tornados obrigatórios pelo MEC, em 2003 - ainda estão no papel. Sobre o universo das nações originais que povoaram o país, sabemos quase nada.

Continuamos sendo - entre as nações do mundo - um povo que tem só meia-identidade.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Meia Identidade. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteado**, Rio de Janeiro, nov. 2004. Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=285&ID=240>>. Acesso em: 14 set. 2009.